

N.º 4



RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha *] Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107

Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa

Telefone: Trindade 5 3 9

SUMARIO do numero anterior:

Morrer devagar... A morte lenta, pela má alimentação, pela falta de assistência medica, pela dificiente habitação. — Os bairros sombrios. — As alfujas de Alfama e as barracas dos Terramotos. — O tripudiar dos senhores. — O crime da sciência. — Os reus transformados em acusadores. — A quem pertence o futuro, (com gravuras) **O desenvolvimento fisico pelo «box»**, por *Cristiano Lima*. **Prometeo quer libertar-se!** por *Mario Domingues* (com reprodução da escultura *Prometeo e a aguia de Salazar*. **A Moleirinha**, versos de *Bento Faria* com ilustrações de *Rocha Vieira*. **Do sortilegio da distancia ao encanto de viajar** por *Ferreira de Castro* (com gravuras). **Senhoras, para que vos pintais?** (com ilustração de *Pedro Silva*). **O exterminio dos animais. O mundo curioso. Soterrados**, conclusão da novela social de *Eduardo Frias* com ilustrações de *Rocha Vieira*. **Actualidades:** Os centenarios da descoberta da fotografia e do metodo de leitura para uso dos cegos. O conflito mineiro na Inglaterra. A revolta militar de 19 de Julho. A decoraçao luminosa da Torre Eiffel. **Capa:** desenho de *Pedro Silva*.

Ano I — Numero 4

Lisboa, 15 de Agosto de 1925

Renovação

O PROBLEMA DE MARROCOS

Duas potências europeias disputam a sua influência em Marrocos — a Espanha e a França. A primeira, empenhada nessa luta há muitos anos, habituaramo-nos já a vê-la vencida. E, de facto, a Espanha conserva-se ainda na posse dos velhos presidios de Ceuta e de Melila e duma estreita faixa do litoral mas é uma potência vencida em Marrocos.

A França, senhora da maior parte do país marroquino, pelo sistema do protectorado, está em riscos de perder todos os seus esforços dêstes 20 anos. Dentro de dois anos—dizia há pouco Lyautey — se não adotamos providências, arriscamo-nos a perder Marrocos. E não há dúvida: o triunfo da república do Riff é a mais séria ameaça para a França não só em Marrocos como também em todo o norte de Africa, na Algeria e na Tunisia.

A sociedade indígena

Se exceptuarmos os judeus, a população indígena do norte de Africa divide-se em dois grandes grupos — os arabes e os berbéres. Os arabes são os invasores e conquistadores de há 1.200 anos; os berbéres, os povos primitivos. Estes receberam dos arabes a religião de Mahomet mas conservam a sua lingua que não tem nada de comum com a arabe. Se os berbéres foram apenas meio conquistados pelos arabes, deve-se principalmente ao facto de que aquêles habitam as montanhas ao passo que os arabes dominam na planície, no litoral.

Os arabes

Na Africa do norte a planície e o planalto mais ou menos aridos fazem nascer a economia da estépe. O arabe faz percorrer por centenas de quilometros os seus rebanhos, mudando de região com as estações. Nos terrenos que está habituado a percorrer assim, e que ele considera como propriedade sua, o arabe semeia no outono na de-

pressão de terrenos e na bordadura dos riachos, o trigo e a cevada que ele virá recolher no estio. Nenhuma estabilidade, portanto, nem de trabalho nem de residencia. A vida nestas condições não depende da boa organização do trabalho mas unicamente da extensão dos terrenos, isto é, depende da conquista. A organização social é portanto, e antes de tudo, uma organização militar. A tribu tem á sua frente um chefe munido de plenos poderes, um chefe militar escolhido pelos seus meritos pessoais ao qual se obedece sem discussão. E' o regime feudal na sua pureza. Este regime convinha sobremaneira á administração franceza e por isso o deixou subsistir. As guerras entre as tribus, ao principio frequentes, tendem hoje a desaparecer. Os pequenos e grandes senhores feudais

arabes recebem o seu poder do Estado francez, como na Europa ha 300 anos o senhor recebia o seu da autoridade real. Longe de destruir o feudalismo, os *civilizadores* legalizaram-no.

Ao lado do chefe militar, as sociedades feudais pos-



Tipo marroquino

suem quasi sempre um outro poder — o chefe religioso. Ao lado do *caid*, chefe militar, o *marabu*, chefe religioso. Do mesmo como havia procedido para com o chefe militar, o Estado francez reforçou e legalizou o chefe religioso. São estes chefes os grandes auxiliares da administração franceza.

Os berbéres

Bem diversa é a organização dos berbéres. Protegido pelas suas montanhas, o berbére não tem necessidade duma organização militar; alguns homens põem facilmente em respeito uma multidão de agressores. Em compensação, ele é um verdadeiro cultivador porque tem agua. Esta agua é um tesouro de que o berbére tira o melhor partido. E' mercê dela que o berbére cultiva os flancos da montanha em magnificos terraços regados. A divisão da propriedade é excessiva, no entanto, e o cultivador berbére tem de procurar nas cidades e na planicie, pelo trabalho de alguns dias no ano, um subsídio para ocorrer ás necessidades da familia.

Não tendo necessidade de chefes, os berbéres consideram-se todos eguaes. A sociedade berbére é, pois, uma democracia no mais amplo sentido da palavra. E' uma



Costumes indigenas da Algeria

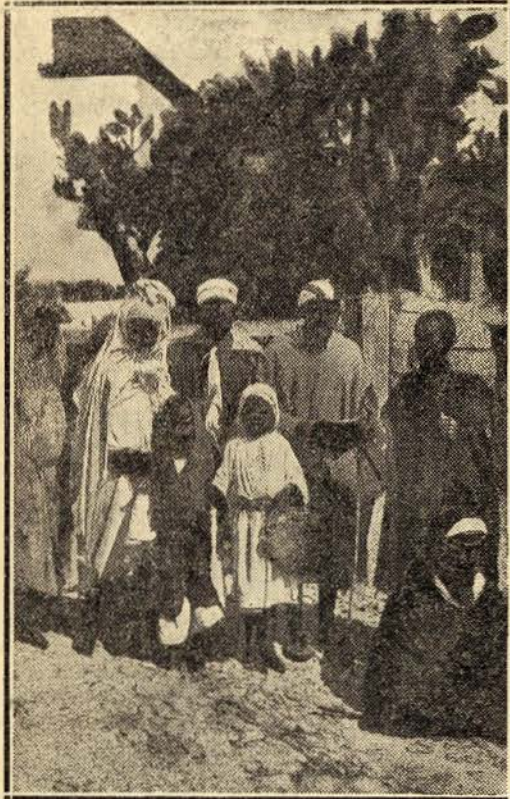
sociedade onde o povo é tudo, como já dizia Renan. O unico órgão do poder entre os berbéres é a assembleia geral de todos os homens maiores — a *Djema* — que reúne todas as semanas e decide sobre tudo, confiando as suas decisões a um *amiu*, a todo o momento revogavel e que não pôde tomar decisões sem consulta da *Djema*.

Os berbéres ocupam atualmente tres grandes massiços montanhosos, com uma individualidade geografica bem marcada: o de Aurés, o de Kabila e o do Riff, os dois primeiros na Argelia.

Esta sociedade democratica berbére não se acomoda bem com a *democracia* financeira da França, como os arabes. Quando os chefes arabes foram vencidos, submeteram-se definitivamente, muito felizes de verem confirmados os seus privilegios. Entre os berbéres, pelo contrario, a França não poude comprar os chefes porque os não havia. E assim a montanha berbére continuou a levantar o pendão da revolta sempre que encontrou momento favoravel.

O nacionalismo indigena

Os chefes arabes, militares e religiosos, estão com a submissão á França, já o dissémos, em toda a Africa do norte. Mas há elementos novos de que ainda não falamos: — os intelectuais e o operariado, este, aglomerado nas cidades do litoral e nas regiões mineiras. Estes elementos reagem contra a dominação franceza. E se na Argelia e Tunisia o comercio, o grande comercio, está na mão de estrangeiros, não sucede o mesmo em Marrocos. O marroquino mussulmano tornou-se grande comerciante, tem casas fundadas em Londres, Liverpool e Hamburgo, ligadas a Rabat, Tanger e Casa Branca. Desta sua importancia social não se alheia o marroquino e ele confia que a França se verá forçada dentro em pouco a abandonar Marrocos. São estes os elementos sociais que fermentam o movimento contra a dominação franceza e que já déram sinais de si quando da revolução turca e durante a guerra europeia.



Um grupo de mouros de Tanger

O Riff e o movimento nacional

Tratando do Riff e de Ab-del-krin temos a ponderar se estaremos em face dum novo chefe, grande senhor, ou se a republica do Riff é uma realidade.

O Riff é, como já dissémos, uma democracia muitas vezes secular, nem o seu sistema de pequena propriedade nem a sua composição social permitem que seja outra cousa. Que de resto não se trata no Riff duma só republica mas duma serie de pequenas republicas autonomas livremente federadas. O papel de Ab-del-krin significa sómente que para a dura luta que eles teem a travar, os camponezes rifeños sentiram a necessidade de unir as suas republicas numa Confederação de que a pessoa de Ab-del-krin não é senão a representação material. Os camponezes rifeños, já o dissémos, são simultaneamente pro-

letarios que, em determinados periodos do ano, alugam os braços ou nos portos das cidades litorais ou nas estepes dos chefes arabes. Falando-se, pois, da republica rifeña nós podemos ter a certeza de estar em face duma republica de operarios, de camponezes pobres, que querem dispôr livremente de si mesmo.

E é facil concluir que consequencias trará para todo o norte de Africa, submetido ao jùgo francez, a existencia duma republica livre, triunfante. Ela será um exemplo melhor que toda a propaganda, ela será um solido ponto de apoio para todo o movimento nacional, ela será por si só um motor de acção revolucionaria. Sentem-no isto bém todos os francezes inteligentes que conhecem Marrocos, sente-o melhor que ninguem o proprio Lyautey. Teem razão os francezes para se inquietarem com o Riff; teem razão os operarios em saudarem em Ab-del-krin o triunfo da republica rifeña.

O optimismo do poeta Walt Whitman vai ser mais consagrado do que o génio do eminente contista Edgar Poe

Walt Whitman está destinado a despertar as atenções do mundo culto, assim como um dia se focou no palco da Europa, a cristianíssima figura de Rabindranath Tagore, hoje consagrado apostolo da moderna poesia indiana.

Tagore narrou nas suas omelias o amor, a virtude, a bondade com a sensibilidade de um vidente; Whitman, animado do seu invulgar optimismo, vae evangelizar o mundo sobre as grandes verdades da Vida. Saiu da America como um gigante imbele, ostentando o gesto decidido de endeusar o Homem-Livre e exaltar até à temeridade de um inaudito panteismo, a perfeição do Universo. E' um americano que não admite nem afronta as convenções, passa por elas sempre intensamente livre, delas conservando-se incontaminado e puro como um deus no reino da serenidade.

Nem uma linha, nem uma frase, escapa da sua pena sem que esteja unvida do seu muito pessoal sentimento de exaltação pela Natureza, e qualquer coisa de inedito, na verdade, se revela na leitura dos seus poemas cheios de fragancias primitivas do paraíso.

A eterna finalidade das coisas, o sentimento da liberdade tam originalmente concebido e a religião da Natureza, compõem a invenção do seu triangulo estranho, dentro do qual Whitman contempla a criação universal que acha cada vez mais perfeita e bela.

A sua obra prima é: «Song of Myself». É dentro desta obra que Whitman tornou-se o maior homem do seculo, o invencivel arauto do pensamento novo que expulsa a propria morte dos limiares do castelo venturoso da Vida, exprimindo-se assim:

Tudo marcha adiante, tudo se expande, nada falece.

E morrer é bem diverso daquilo que pensais.

Nesta fulgurante parelha de versos, Walt Whitman excede o genial contista Edgar Poe, seu compatricio, que logrou ser muito celebrado na Europa pelo seu conto — O corvo.

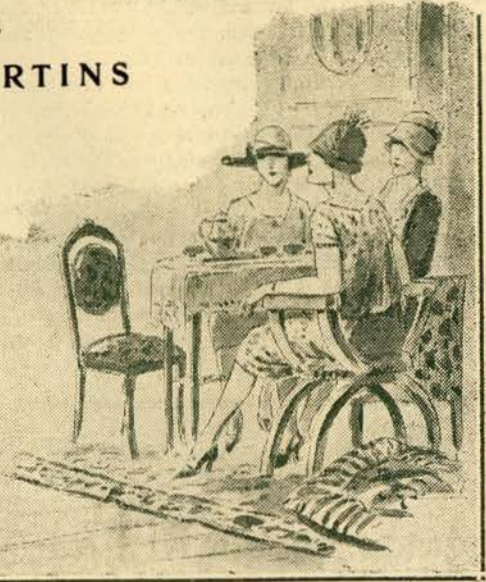
Ora no rubro vibrar dos clarins, ora no embalo mavioso dos violinos, Whitman interpreta os ecos da musica das esferas, que a sua alma escuta, e a sinuosa continuidade da vida imortal condu-lo até á comunidade da consciencia cosmica, que é deus, como os Arhats do budismo oriental.

Quere o sentimento poetico, quere a visão estética-filosofica deste grande obreiro do pensamento humano, só encontram paralelo com Rabindranath Tagore, e embora a distancia que mede entre os dois continentes coloque estes principes da poesia tam afastados, as duas obras se completam e se perfazem em uma só.

Eucaristino de Mendonça.

LOGICA DE LINDAS BÔCAS

CONTO DE
ROCHA MARTINS



Conchegadas no cantinho da sala iam bebendo lentamente, aos sorvos, o seu chá. Aninhavam-se, com frêmitas e grandes indignações nos rostos lindos. As vidraças peroladas pelas gótas das bâtegas pareciam transpirar a cada aberta para logo se caudalarem. Lá fóra passavam a inclemência duma trovoadá que as surpreendera e o tropear dos cavalos da guarda em correrias.

Uma das quatro formosas mulheres eriçava-se em medos histéricos, e outra, dum moreno abrazado, meditava; a dona da casa, alta e ruiva, servia-as; e achegada ao fogão electrico em arpepios, a mais nova, dum afusado bisantino, refervia o seu despeito que a rosava, a tornava encantadora.

Tinham saído para a grande festa da Liga, a pé, desprevenidas da cilada do tempo, longe dessa chuva que a súbitas começara a jorrar. Procuraram carros e viram-se como abandonadas no meio da avenida vasta. Paralisarase o movimento, declarara-se uma greve por causa dos fabris sem tarefa terem sido acutilados na vespera. Então primeiro entrara uma das senhoras espavorida a acolher-se e logo um parsito amigo chegara à busca dum abrigo, dum alento duma chicara fina e perfumada do excitante loiro. Não se consolavam; o diluvio seria o menos, porém a teima daqueles brutos, a fúria dèsses vis irritava-as. Porquê? Porquê não trabalhavam?

E ela, com o dedito breve espetado, era como uma bonequita de corda a mirar-se no espelho do trémõ onde o seu hálito espalhava uma mancha baça e fremitava o grande ramo de rosas na velha jarra do Rato.

Continuava, nervosamente, sentindo o aplauso nos acenos das cabeças das ouvintes e possuia-se de tais co-leras, tal zanga seus rubros lábios expeliam que até afeavam um pouco a expressão, sempre tão cândida, de sua bôca.

— Aquela gente da rua não tinha senão pretensões ao que não era seu... Queria saltar por cima dos ricos, subverter tudo, pôr as mulheres ordinárias nas salas e as bem nascidas talvez a esfregar casas... Tudo parado... E elas ali, tomadas de susto e sem se divertirem... Era preciso vê-se que iam gastar o seu dinheiro em proveito dos filhos dêles, dos garotos pobres!... Querem tirar ao papá o lucro... querem o que não é dêles... Não há direito! Não há direito...

Atirava largos conceitos sociais, muito disposta — afir-

mava—a fazer bem mas não por exigências... E aquela! Ali metidas, tudo porque um bando se recusava a servi-las!...

Os cavalos passavam lá em baixo, numa galopada mais ruidosa e ela erguendo a cabecita fina, escutava-os com delícia e depois quasi gemia:

— O' Nina, mais um pouquinho de chá... — e fincou com delícia os dentitos brancos na polpa tostada do *croissant*.

— Ao menos valha-nos isto... As pastelarias não fecharam!... E que bem servido deve ser o chá da Liga!... Aquela idéa das mesinhas a concurso era genial... Felizes as que tenham podido chegar até lá...

A idéa dum salão aristocrático cheio de senhoras vestidas num desafio, numa rivalidade, exacerbava-as; todas queriam disputar primasias, luxarem, mostrarem as suas graças e o pensamento de que faltavam e já não podiam figurar nos *Carnets* agitava-as numa revolta maior. A morena sacudira o seu torpor e exclamara:

— Também não sei para que servem os soldados!...

Subia da sua garganta circuitada por um fiosito debil de pérolas uma rancorosa crítica aos militares, e como se consubstanciasse todo o exército no elegante tenente do estado-maior — o Presas — que a requestava, prometia descompô-lo, envergonha-lo:

— Então... Lá porque uns esfarrapados se punham de braços cruzados, elas não podiam atravessar as ruas senão a pé e sujeitas, ainda assim, aos maus encontros! Mas então o que era isso de tropa... e interrogava com as negras sobrancelhas unidas: — Para que há, então, aviadores?...

Concordavam em que as faltas da defeza pública não passavam de transigências, repeliam toda a solidariedade com os parentes que aconselhavam prudência, tratavam-nos de cobardes e, na sua grande raiva, no seu desespero por faltarem à festa — para demais a favor dos pobres — diziam — pediam ao céu e aos poderes castigos terríveis para os perturbadores do seu goso.

— Não há direito... Não há direito!

Passava, agora, mais perto, a galopada dos cavalos; julgaram escutar uma voz de comando.

De repente retiniu a campainha do telefone, quebrou o ambiente rebelde com a sua voz de surpresa. Elas estremeçeram, entreolharam-se e a ruiva dona da casa pôz-se a ouvir sob os olhares anciosos das amigas.

Era da Liga... Falava a Calheiros... Que não podiam ir... Qual chuva! A falta dos electricos... O medo dos *chauffeurs* particulares em lançarem os carros nas ruas por onde havia tumultos...

Escutavam os seus gestos, bebiam as suas palavras, olvidadas do chá, numa ardência de saber, de obterem pormenores:

— Ah! que pena... Ainda assim muita gente... A canção da *Abelha* um delírio... Ah!... Ia dançar-se um lindo *fox-trotter*... Que amor! Oh! que amor! vinha a Matilde Serrano... Sim... Azul mas dum corte!... O Cadenas, o pianista, arrebatador...

Todas, à lembrança desse rapaz de dedos finos e ca-

— Cento e cinquenta contos! Que belas! dizia a que estivera calada até então — E não as vimos hoje porque essa malta se lembrou de não trabalhar... Cento e cinquenta contos de pérolas... e logo num impeto, franzindo as sobrancelhas docemente pinceladas, decidiu:

— É demais!... Uma mulher só com tanto valôr ao pescoço... E tanta outras mais lindas sem terem um simples colar... Olhava no espelho o pescoço desguarnecido, a morena via o seu tenue colar, e concordavam:

— Não há direito... É que há muitas que o merecem mais do que ela... Não há direito...

E a dona da casa, ao calá-las com a mãosita branca, exclamou ao aparelho:

CONFISSÃO

Abril, semana santa. A madrugada
Semeia risos. Para ser mais pura
A Margarida, toda envergonhada,
Confessa-se, tremendo, ao padre-cura.



O confessor, sagaz raposa antiga,
Mas que bem sabe aparentar decôro,
Vai perguntando numa voz amiga:

— Dize, pequena, tens algum namôro? —

Ela, hesitante, cheia de pudor
Faz-lhe sinal que sim,
E ao confessar ao padre o seu amor
Sentiu as faces tintas de carmim.

— O quê?! Tens um namôro?! Então, pequena,
Não sabes que é pecado amar alguém!
Jesus salvou Maria Madalena
Mas nunca, nunca mais salvou ninguém!

A santa bíblia diz: Amar a deus
Sôbre tôdas as coisas deste mundo.
Se deus concede a região dos céus,
Só deus merece o teu amor profundo! —

Os olhos muito azuis da Margarida
Enchiam-se de pranto.
— Então para viver na eterna vida,
Não pôsso amar aquele que amo tanto?! —

— Por certo que não podes, nem tampouco
Podes provar o gôsto dos seus beijos...
O amor da vida é sensual e louco,
O amor terreno só contém desejos! —

Nos olhos muito azuis da Margarida
Já não havia pranto a scintilar.
— Adeus, senhor prior. A minha vida
Para ser vida, tem de ser vivida...
Guardai deus para vós... Eu quero amar! —

Pôrto, 1925

Aristides Ribeiro

beleira loira deitada para a nuca, que se tornava d'extase ao passar as teclas e parecia arroubar-se em sonhos do céu, saltaram as suas queixas unisonas:

— Oh! e não o ouvimos! Que ferro!... A mais novinha rebelou-se: Tudo por causa dessa gentalha que quer tudo, que deseja o que não é seu!...

— Não há direito! Não há direito!... bradou a morena, mordendo os lábios rubros.

— Calem-se! Deixem ouvir!... repreendeu a que estava ao telefone. Caiu um silêncio, abriam-se mais as folhas das rosas na jarra do Rato, e ela informava-se num pasmo, numa dúvida:

— O quê? A Serrano... Quem disse? Cento e cinquenta contos?... Ah! o Leitão joalheiro ofereceu?... Que lindas devem ser... E para as amigas, num espanto: Calulem?... O colar de pérolas da Serrano vale cento e cinquenta contos... Fez um sucesso na festa...

— Que pena! Mas que queres... Se essa gentalha se lembrou de não trabalhar... E que minha filha... Querem tudo para eles... Não dão aos que o teem, o direito de viver melhor... Uma má raça!... Olha lá, menina, mas serão verdadeiras as pérolas? Sim? E' demais! E' demais! Chega a ser um desafio... Num gemido acrescentou:

— Que queres, filhinha, o mundo está às avessas... Largou o auscultador, ficou de pé a olhar as amigas excitadas no arremesso das suas sensações mais íntimas.

Esteara; renascera a claridade da janela para o cantinho luxuoso; de longe chegava uma resoada seca de tiros no confuso tropel da cavalaria. Desfolhavam-se as rosas na bojuda jarra do Rato; docemente, como bagas pranteadas pelas flôres, as pétalas caíam uma a uma, muito de mansinho.

Rocha Martins

Singularidades de Maria Margarida

Maria Margarida, Flor-da-noite, que é, sem receio de contradição, a mais elegante, a mais cobiçada, a mais cara mulher de Lisboa, de cuja bôca um beijo custa um rôr de escudos, e por quem se arruinaram e perderam dezenas de homens desvairados, tem uma singularíssima, extranha mania, que espanta e assombra quantos a conhecem. Nestas grandes manhãs de Julho, em que uma brisa rural vadia consoladoramente pelas ruas preguiçosas do bairro Camões, em que o sol muito loiro dá ganas de vida muito alegre, a famosa mundana pula da cama p'ra fóra às sete em ponto, e depois de bem lavada, primorosamente vestida, enxarcada em Lorigant de Cotty,



escôa-se p'rá Baixa num «Gomes Freire», e mergulha alegremente no restolho matinal da Praça da Figueira!

Um moço amigo e pelintra, que ha trez largos meses platonicamente a segue e deseja, dissera-me ha dias desse extraordinario capricho, quando por nós passou no Chiado o «Pic-Pic» do banqueiro que a protege, com ela dentro, toda em sedas bizarras, e um chapéu do Cardoso, p'ra cima de seu conto e quinhentos. Palrou o pobre mancebo enamorado, com enlevo e muito cto recontido, da soberba elegancia parisina, das consabidas madurezas da linda Flor-da-noite, a quem todos os meninos maneirinhos da Garrett e todos os socios bisonhos do Monumental rendem continua e fervorosa vassalagem. Disse do seu espirito superior de mulher, tão celebre e tão apregoado pelos babosos da capital que lhe são côrte, mas frisou especialmente com veneração, mesmo com um sorriso de admirado encanto, aquellas exquisitas peregrinações á Praça da Figueira, que por acaso descobrira, considerando-as como tudo o que de mais «chic, de mais cubista se faria actualmente na decrepita e bocejante Lisboa. A Maria Margarida, toda em sedas, com seu chapéu de conto e picos, a comprar cejas bicaes no mercado!

— Espirito superior de mulher! Grande cocote! Hein!?

E, à sombra das suas proprias palavras, nos olhos do belo rapaz alargava-se o mesmo pasmo, o mesmo embevecimento, o mesmo extasis dos olhos dum praticante de farmacia que, numa quieta botica das Beiras, ouviu falar de Paris e duma estroinice do Principe de Galles visitando alta noite logares vesgos de Montmartre.

Ora calhou ontem que, por volta das nove, entrando na Praça, á cata duns cravos, topei Maria Margarida.

Vestida como se fora para S. Carlos, seu formoso braço nu era abraçado por duas pulseiras de preço, e seu colo de garça rompia dum esplendido colar de perolas verdadeiras. Estava deante duma giga de feijão verde, considerando... Depois, descalçou a luva de canhão de mosqueiteiro, partiu dois ou trez, e decerto perguntou preço, porque abanou a fulva cabeça como se lhe não conviesse, e tomou para a banda dos talhos. Foram calcando talos os seus sapatos doirados de duzentos e tantos mil reis. Regateiras desocupadas cochicharam daquelle estado de luxo! Creadas bexigasas para-

vam, miravanna de alto a baixo, com amargurada inveja. Um galego desbarretou-se. E um cabo da guarda republicana, considerando-lhe as ancas esbeltas, devia ter largado graçola grossa, porque eu tive a impressão de que nunca tão lisongeadamente sorriu em mêsas da Garrett, em face dos madrigais dos poetas e dos parvos, a sua boca airosa e apete-cida.

E passou.

E foi por toda a Praça, naquele esplendor e pompa do seu luxo asiático, estacando aqui para sopesar frutos, parando alem, a perguntar o preço da pescadinha marmota. E fazia tudo aquilo com método, como quem mata um vicio, pratica um velho e saboroso rito. Seguia-a, surprezo efecti-

ACTUALIDADES



Trostky

A luta pela sucessão de Lenine que desde a morte deste se travou no seio do partido comunista russo, parece poder-se considerar como terminada. E' Staline que parece ter triunfado sobre todos os outros competidores: Trotsky, Kamenef e Zinovieff. Tudo indica, neste momento, que o proximo congresso do partido bolchevique, em outono, proclamará Staline sucessor de Lenine.



Staline



Com 81 anos acaba de falecer em Paris, o artista pintor Leon L'Hermitte, pastelista de talento, celebrado pela sua obra «Foins».



Um quadro de L'Hermitte, *O pagamento da jorna aos ceifeiros*, exposto no Museu de Luxemburgo

vamente daquela originalidade, daquele gosto exotico de percorrer o mercado solenemente como loja de modas, armazem de antigualhas, no interesse de todas as novidades, cumprindo uma imposição mundana. E, confesso, que não atingi em certo momento o motivo oculto dum suspiro que deu, à porta dum talho, na ocasião em que bolia uma posta de alcatra, suspensa dum gancho recurvo.

Só fiquei devidamente esclarecido, mais tarde, quando Maria Margarida estacou em frente dum lugar de galinheira. Uma femea forte, arremangada, com dois grandes cordões ao peito e dois dentes de ouro, que depenava um capão, sorriu-lhe, falou-lhe com certa intimidade. Penas muito leves bailavam no ar, e uma delas suavemente foi descendo, descendo e veio poisar, beijar a sua meia de sêda côr de carne, da mesma côr da sua pele macia e cobiçada. A conversa devia ser-lhe gratissima. Porque nunca, em

ceias no Mayer ou no Maxim, tão fresca e fartamente se espanjou a alegria, a festa dos seus olhos e da sua bôca rubra, como nessa manhan, em face das gaiolas dos frangos e da redonda galinheira. Ambas riam, às escancaras. Avisinhei-me, surrateiro. E quando lhes passei, rente, ainda a matrona dizia:

— O' Guidinha, aquilo é que eram tempos, hein! Quando a menina estava em casa do Lucas da Alfandega... Alembra-se...?

Ah!!... Agora!... Agora, sim! Afinal, Maria Margarida, Flor-da-noite, espírito superior de mulher e grande cocote — como lhe chamava o assombrado mancebo — não vae à Praça da Figueira por destrambelhamento elegante, requinte de exotismo.

Vai — coitada! — para matar saudades.

Augusto Pinto

A ARVORE

O ENCANTO RIDENTE DAS PAISAGENS



espiritualidade das florestas!

! A beleza que se nos depara no silêncio dos grandes arvoredos, a austeridade elegante que eles emprestam às paisagens!

Como bastariam para nos fazer amar e respeitar as árvores!

Esbatem-se lamentavelmente os líricos sorrisos da Natura quando a nota verde das grandes cópas, a sombra amena dos grandes tufos de folhagem, não completam os suavíssimos quadros que os mesmos sorrisos descerram.

São, ou os altos robles com a sua ramaria pujante e suas sombras esplêndidas, ou os baixos e húmidos troncos de franças atingíveis que aagam, acaríam e amenizam, por vezes, a terra quasi esteril de certos logarês malditos, improdutos.

¿ Que seria das estâncias inóspitas dessa África negra de lendas, e terrivelmente árida, se a terra não se fendesse e dela não brotassem espontaneas as grandes florestas que encerra, onde as árvores seculares oferecem a preciosidade das suas madeiras, a doçura dos seus frutos e a delícia das suas sombras?

Nos tórridos climas dos desertos da Ásia, onde as léguas nos parecem infundáveis, onde a morte caminha a par das caravanas, são as árvores dos *oasis*, simples palmares erectos, que protegem a vida dos viajantes e lhes dão a certeza de um arrimo e de uma gota de água des-sedentadora. ¿ E que aconteceria nessas *stepes* formidáveis do oriente da Europa se, a revezes, a nota de uma flóra raquitica não fôsse cortar a fragurância monótona das infundáveis toalhas de neve?

São elas que representam os marcos de orientação

e, como guardas eternamente vigilantes, parecem indicar aos *trenós* perdidos o caminho da salvação e da vida.

Para o homem, certas árvores teem um filosófico encanto: são como irmãs impassíveis e irrepreensíveis que elle visita a miúdo; chega a amal-as com carinho, com enlêvo, a cuidar dos seus males e a rejubilar frente de suas frondes e de seus frutos; da pujança de suas formas vegetais, da verdura de suas folhas e do colorido dos seus pomos agros.

A árvore — segundo o provérbio árabe — torna-se necessária à perfeição humana. Afirma-nos elle não existir um verdadeiro homem sem que haja plantado um roble frondoso.

¿ Não são as árvores o abrigo e o refúgio das aves chilreantes, as fortes protectoras dos ninhos abrigadores, a estância confortável das novas proles implumes? Verdadeiros tálamos de inúmeros casais, berço amoroso de incontáveis bandos, ¿ quem ignora que são elas amplo proscénio de eloquentes cenas de amor, sutérpico salão de tão harmoniosos e musicais gorgeios?

Atravez o Cryssus clamoroso foi uma árvore abatida a salvação de Eurico. Ai, da pobre Hermengarda se um forte roble não lhe servisse de passagem!

A árvore deve ser protegida e amada. Ela paga-nos esplendidamente, nobremente, todo o relativo interesse que tenhamos por ella.



que os filósofos afirmam apenas serem comprehendidos pela geração dos hodiernos aédos.

Mas a sua grandeza é tanta que os espíritos prosaicos ajoelham reverentes e sentem-se, por vezes, arrebatados!

Foi a árvore — o eucalipto — que purificou certos locais palustres onde predominavam as terças. Por sensata medida, a flanco das linhas férreas e, sobretudo, junto de várias estações mal localizadas, foi ordenado o plantio dessa árvore benfazeja. A princípio ainda houve dúvidas da sua eficácia: a breve trecho, porém, constatou-se que ali diminuíam as manifestações sezonáticas.

Depois, a árvore, modifica e regulariza a hidrometria dos logares; é elemento primordial no complicado sistema climatérico; purifica o ambiente e, absorvendo o ácido carbonico que paira, pratica naturalmente uma operação de benemerencia.

Ela dá-nos o nosso lume; é elemento essencial na construção das nossas casas; e dá-nos o próprio sangue, que é a sua seiva preciosa, ou veste-nos com a *guta-percha* que destila, ou cura-nos com suas cascas, raizes ou folhas.

E, por tudo isto, devemos-lhe reconhecimento e carinho.

Estimemo-las, respeitemo-las; porque, além da sua utilidade, as florestas hão-de ser sempre o supremo encanto das paisagens.

Sejamos seus paladinos, defendamo-la, não consentindo que lhe façam mal.

Pouco depois da fundação da monarquia, um rei intelligente tomou aquella sábia resolução de que ainda hoje tiramos partido... D. Diniz, ordenando o plantio do extenso pinhal de Leiria fomentou a riqueza nacional, com o que, no dizer de certo crítico, cantou a mais bela estância do seu Cancioneiro.

A frase poderá parecer irreverente para a susceptibilidade de um poeta. Porém, quando penetramos no núcleo extenso do pinhal leiriense, ou seja o que desde o Valado dos Frades segue até Marinha e se alarga para Oeste em direcção ao mar; ou seja o que se prolonga de redor do Liz e circunda a cidade por quilómetros perenes da vegetal riqueza, enfileiramos prontamente junto do crítico primevo — escal-racho prolixo que veio até nós de dentuça aguçada e que, para mal do mundo, deixará pelos séculos sua pífia descendência tão incapaz e tão maldizente...

¿ E o tufo esplendoroso de Sintra, o Eden do Bussaco, o colosso do Gerez, onde sempre nos sentimos impressionados por tanta grandeza, pelas interminas sombras e pelos magníficos silêncios interceptados do trinado das aves e do gemer das rolas?...

Dominados pela grandiosidade de tal isolamento surpreendemos

naquela quietude estranha os singulares segredos da solidão — segredos



A "pintura a fresco" em Portugal

A pintura parietal a fresco ou de fresco — como pretende Francisco de Holanda, no seu manuscrito *De Pintura Antiga*, com melhor justeza verbal e com mais apropriada designação — frutificou entre nós, e, ao que parece, intensamente, com a dissiminação do espírito da arquitectura romana, importadas, simultaneamente, uma e outro, do sul da França, através da Galiza.

Essa pintura «muito nobre e antiquíssima» era obtida com côres de terra directamente applicadas sôbre um induto especial que revestia a parede, e, assim, fácil é de ver que todo o seu segrêdo técnico — hoje ainda desconhecido — residia inteiramente na composição particular desse induto, bem como na receptividade, maior ou menor, mais ou menos poderosa, relativamente ás côres usadas, e na pronta rapidez da execução.

No tempo do imperador romano Augusto, o emprêgo desta variedade pictórica encontrava-se generalizado em larga escala, reconhecida a sua enorme vantagem sôbre os processos da pintura mural a tempera ou a encáustica. Da generalisação excessiva caiu na banalidade, motivo básico porque o seu uso foi sucessivamente, a pouco e pouco, diminuindo, para mais tarar, no período da idade média, voltar a acentuar-se e a recuperar os horizontes que abandonara. E' que as grandes superficies nuas de parede dos monumentos religiosos românicos exigiam a sua decoração ou alindamento; e logo se pensou na pintura a fresco que, efectivamente se estendeu no século XI em toda a França e na península ibérica e entrou, embora com pouco succêso, na própria Itália.

Depois a arquitectura gótica, nos meandros de sua estrutura ogival, reduzindo ao mínimo os espaços livres murais determinou, como consequência imediata, o decrescimento progressivo de pintura a fresco, ao passo que na Itália — terreno mais rebelde ao verdadeiro espírito gótico — êsse género decorativo voltou a alargar-se intensamente com o chamado renascimento clássico, nos séculos XIV, XV e XVI. É então que se nota — segundo investigações feitas — a época de florescimento do fresco em Portugal.

A maior quantidade de frescos existe nas velhas e restritas igrejas românicas do Minho. No entanto teem sido encontrados especimes em várias regiões do país. Numa curiosa memória apresentada ao congresso de Arte, o professor Vergílio Correia aponta os frescos duma linda igreja românica da cidade de Coimbra, que o arqueologo Augusto Filipe Símões também cita no seu livro «Relíquias

da Architectura Romanico-Bizantina em Portugal».

Mas os tres mais completos e mais perfectos exemplares de pintura a fresco que Vergílio Correia diz conhecer e ter estudado em Portugal, são os que adornam, em parte ou na totalidade, os muros da igreja de S. Francisco do Pôrto — o Templo do Ouro, na frase de Aarão de Lacerda —, os da matriz de Barcos, no Concelho de Taboação, e os da igreja de Nossa Senhora de Azinheira, junto ao Oiteiro Sêco (Chaves).

Na verdade, S. Francisco do Pôrto conserva, da sua primitiva decoração mural, attribuída por alguns a Antonio Florentim, pintor régio de D. João I, uma preciosidade inestimavel de valor histórico e apreço artistico: o fresco que conseguiu escapar à reforma que no século XVIII revestiu o templo do mais admirável paramento de talha rica, áurea e refulgente, e que assombra todos os visitantes.

Além da importancia real e do valor arqueológico dos frescos supra-citados há a assinalar a de alguns outros, do século XVI, da igreja douricense de S. Martinho de Marcos. Há a considerar ainda do meado do século de quatrocentos, os frescos, hoje inteiramente desaparecidos, que decoravam a igreja do convento da Carnota, de frades capuchos, em Alemquer, fundado em 1408, e, a êsse respeito, Sousa Viterbo, o investigador a quem a historiografia de arte nacional tanto deve, pela soma de incalculáveis serviços prestados, cita, na terceira série da sua importante *Notícia de alguns pintores*, a crónica da Ordem, segundo a qual se indica o nome de Francisco Anes de Leiria como autor d'esses frescos.

Tambem as obras da restauração da capela do antigo palácio real de Sintra puzeram a nú, no cimo da ousia e na ombreira esquerda do corpo, um revestimento parietal pintado a fresco, que, como o lavor da facharia do tecto, deve datar-se — na opinião de Vergílio Correia — dos princípios do século XVI.

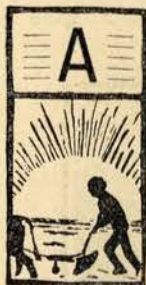
Mas a maior parte das decorações a fresco que existiam em Portugal, como padrões a atestar o florescimento da sua época brilhante, desapareceram. E desapareceram, quer devido a depredações múltiples que a mão humana houve por mal infligir-lhes, quer devido aos estragos que a humidade do clima lhes causou — mau grado de todos os que ainda sabem apreciar, como merecem, as ruínas do quinhentismo artistico nacional.

Adolfo de Castro

A CAMINHO DE AFRICA

A Ilha da Madeira, cantada pérola do Atlantico.

Uma cidade cromo, feita de fructos e flôres.



carta de bordo onde minúsculas bandeirinhas vão marcando, cuidadosamente, a distancia percorrida, regista que estamos a 540 milhas de Portugal.

Tão longe já! Contudo, um segundo basta para que o pensamento transponha o Oceano, saudoso das pessoas queridas que desejaríamos ter presentes agora, aqui, a nosso lado, ante o magnifico espectáculo, novo e belo, que a formosa ilha nos oferece.

A Madeira, em todo o seu perfil acidentado, magestoso anfiteatro entufado de verduras onde o sol estende alcatifas de ouro, surge aos nossos olhos, maravilhosa e deslumbradora, como nas velhas crónicas descritivas dos mareantes e descobridores.

Vista donde estou, e olhando-a desde a ponte de S. Lourenço até às Rochas do Campanario, toda envolvida em nevoa azul, a formosa ilha pareceu-me, há pouco, um lindissimo monstro, dorso erriçado, a estremecer ao sol, afagado pelas ondas...

Pouco a pouco a distancia diminue, apagando a fantasia, e a ilha surge-nos pitoresca e ridente, disposta em terrenos que se sobrepõem, e cujas cumeadas desaparecem entre rolos de nuvens.

O barco aproxima-se mais da costa, e passam os pitorescos sitios de Caniçal, Machico, Santa Cruz, distinguindo-se, perfeitamente, as casinhas simetricas e eguaes, muito brancas, com seu teto vermelho, esmaltando os tufos de verdura onde avultam os vinhedos, cana de açúcar e pinhais.

Bandos de gaivotas esvoaçam como doidas, circulando em volta do navio; um paquete inglez com *touristes*, que acaba de sair do porto, cruza com o nosso barco, deixando um rasto de ebria alegria, de algazarra contente, de muzica internacional; a baía do Funchal recorta-se, enfim, imponentemente, e ao alto a cidade dos fructos e flôres, a rainha do Oceano, abre-nos os seus braços...

Em toda a ilha, nos altos dos montes e rochedos passa como que uma nevoa tenue, azul e fina, gaze delicada que a viração vae rasgando, deixando floquinhos de seda nos cumes das escarpas, nas copas dos arvoredos; e lá em cima, nos altos picos, há recortes que parecem crateras, taças enormes, bocas híantes atafalhadas de nuvens...

Está nevoa faz-me ocorrer a hora misteriosa, quando Zarco, há 500 anos, descobriu a ilha, metido no seu fragil varinel, enquanto os seus marinheiros, julgando ver monstros e gigantes nos penedos da praia, se benziam entre stuores de agonía.

E' essa praia maravilhosa, a quem Oliveira Martins chamou «paraizo a emergir do mar, revestido de matas, engrinaldado de flores, ondina encerrada numa camara de nuvens,» que eu tenho neste momento aprizionada nos meus olhos.

Logo que o paquete lançou ferro, uma verdadeira chusma de botes veio ao seu encontro, atracando enquanto barqueiros disputam, em alarido, os passageiros para conduzir a terra.

Soam apitos roucos doutros navios, a que se juntam toques nervosos das sereias dos «gazolinas»; a algazarra

recresce, aumentada pelos *hurrás* entuziasmados de rapazes de *sport* que veem esperar um grupo de jogadores que vem de Lisboa; junto ao paquete, em seu redór balança-se uma pequena povoação flutuante de barcos listados a verde e amarelo donde se gesticula e grita para os passageiros; e veem chegando, sempre, mais barcos, uns carregados com fresquissimos e rubros morangos e flores, outros com pequenas mobílias de verga, ainda outros com caixas de bordados, colares de ambar, madreperla e coral, — todas estas graciosas embarcações, como delicadas quermesses de côr, a ondular flutuando na baía azul.

Com um grupo de companheiros de bordo, tomamos um «gazolina» que em menos de cinco minutos nos põe em terra, sobre a ponte donde ingressamos na rua Gonçalves Zarco, a principal entrada da cidade.

Impressão magnifica; scenarios inteiramente novos feitos de preciosos panos de muralhas colgados de verduras e flores; vestigios de casas apalaçadas com amplos pateos solarengos, e tudo isto intercalado pelas manchas cromaticas, expressivas, muito modernas, que lhe emprestam estabelecimentos bizzaros, quiosques e bazares onde se vendem lindas bugigangas, guloseimas, postais, minuculos objetos de ceramica, preciosas chinezices e graciosas coisas regionais.

O automovel que nos vai conduzir ao Monte desliza por uma larga avenida, num andamento suave e que permite observar as coisas e os tipos pitorescos sempre prestigiosos para um estrangeiro, de mais envoltos na dôce luz da meia tarde.

Pelos passeios, à porta dos *bars*, aglomeram-se pessoas que sorvem liquidos frescos, depois veem-se as casas de rendas, linhos e bordados, onde tambem se expõem pequenas tapeçarias, artefactos de palha e outros artigos da região, atraindo o *touriste*; pelas ruas cruzam-se mulheres e garotos vendendo flores, fructos, postais, e de vez em quando passam os celebres carros sem rodas, puchados a bois, as cortinas misteriosamente corridas, e deslizando pela calçada de seixos negros, ensebada.

Já começamos a ingreme subida, e para qualquer lado que nos voltemos, sempre deparamos com um novo motivo de encanto, que seja nas janelas floridas, com suas persianas de taboinhas verdes semi-cerradas, ou nas varandas que se encavalitam umas sobre as outras, sob caramanchões verdejantes feitos de vinha e trepadeiras, donde pendem grinaldas amarelas e azues, cachos de lilazes, e buganvila...

O automovel, que o *chauffeur* conduz sem o menor esforço, parece saber de côr o caminho, apesar das curvas ingremes e complicadas, à beira de enormes precipícios disfarçados sob o manto das tenras verduras.

Como por encanto, nos cotovels das estradas, de todos os lados, por entre relvas, moitas e arbustos, surgem creanças pobrezinhas que nos estendem braçadas de flores e dirigem saudações; é uma delicada maneira de pedir esmola e de tal sorte cativante que quando chegamos ao cimo o interior do carro era um jardim.

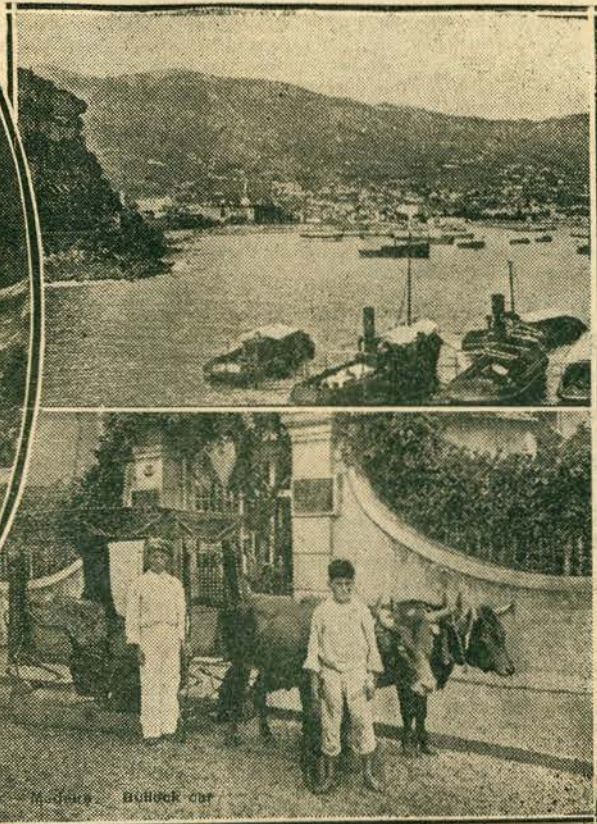
No alto do monte, deixando descair a vista sobre o vasto e policromo panaroma que se vae desdobrando em desenhos e recortes de todos os matizes, os olhos percorrem entontecidos, dormentes de tão incognita beleza, quadros exóticos de paisagem estranha em que se funde a flora europea com a africana, altos carvalhos e pinheiros misturados com palmeiras, canaviaes de açúcar por entre vinhedos, e grandes arvores com flores vermelhas do tropico juntando o seu aroma ao das baunilhas, cravos e

roseiras. Lá em baixo os olhos quebram no tapete branco, harmoniosamente composto das manchas do casario, orlado com as rendas de espuma do mar... E para o alto, a montanha sobe, sobe sempre, rasgando as nuvens, insaciável de altura...

Descemos, por outro caminho, dentro dos cestos tradicionais que pulsos vigorosos sustinham, uma ladeira íngreme, mas sempre com o mesmo cenário de varandas verdejantes e floridas, persianas cerradas, e as narinas



Ilha da Madeira — Uma queda de água. Uma vista do porto. O carro de bols para transporte de passageiros.



Ilha da Madeira — Bullock car

aspirando aromas de plantas e flores, e a canção das águas murmurando nas nascentes.

Numa paragem, trouxeram-nos, num copo, um líquido doirado, odoroso, — o autentico vinho da Madeira. Quando chegamos cá baixo já a noite encobria a ilha.

..

Funchal é, sem exagero, uma cidade magnífica que, pela sua posição marítima, pelo seu movimento interno e internacional, pelo seu comércio e industria, pela sua expressão pitoresca, pode ser considerada a terceira cidade de Portugal.

Se visto de dia é uma cidade cromo, erguida entre tapizes de fructos e flôres, recostada entre scenarios luxuriantes, examinada de noute, com os seus cafés e casinos brilhantes de luz, repletos de gente nacional-e-estrangeira,

a principal avenida pejada de automoveis, a baía scintilante pelas luzes dos paquêtes e navios, tem o aspecto dum grande centro cosmopolita.

Percebe-se que o muito que aqui há de bom, mesmo excelente, deve-se à beleza do solo, do clima, à graça da natureza e à iniciativa dos regionais; o pouco que ainda é mau, são restos da rotina e incuria do Estado, que não tem sabido tirar todo o partido desta maravilhosa terra.

Admiravel, a intuição, o esforço inteligente com que esta gente, isolada da metropole, soube conservar o expressionismo pitoresco dos costumes e tradições, introduzindo, a par, as belas coisas modernas de requinte e civilização, armando, assim, à beira do Oceano, esta tenda mimosa, — este bazar florido, onde os estrangeiros repou-

sam, embevecidos, e que a maioria dos portugueses ignora, preguiçosamente.

E' quasi meia noute, e a cidade começa a adormecer. No cais passam sombras da noite — marítimos, pescadores, alguns marinheiros americanos bebados, gente do mar...

Já a bordo, debruçado do paquêto, olho uma vez mais a cidade que, atravez da noite, me aparece, agora, como formosissima constelação.

Funchal, Junho — 1925

Julião Quintinha.

A INTOLERÂNCIA TRIUNFA

As perseguições à liberdade do pensamento repetem-se na Europa e na América, como se estivessemos na Idade-Média.

Dois acontecimentos recentes, ocorridos um na Europa arqui-civilizada, outro na «livre» América, vêm confirmar que a intolerância tem ainda no mundo o mesmo domínio de outrora.

Fizeram-se revoluções «libertadoras» dos povos, as repúblicas democráticas sucederam às torvas monarquias de direito divino, e entre rios de sangue foram proclamados os «Direitos do Homem». Foi tudo em vão! Ainda hoje a Igreja Católica se permite intervir na vida eterna dos Estados, em nome de Deus, tal como na Idade-Média; ainda hoje a ciência é condenada em tribunais, semelhantes aos da Inquisição, em nome da Bíblia.

Na Tcheco-Slováquia, estado de recente formação, desses que a última Guerra criou, existe como forma de governo a república, que todos dizem ser avançada. Talvez por isso mesmo, o governo tcheco-slovaco tem um plenipotenciário junto do Vaticano, mantendo a Cúria Romana um Núncio Apostólico em Praga.

O herói nacional do país tcheco é esse sombrio teólogo João Huss, precursor da Reforma, inimigo do Papado, e que, partidário da doutrina de Wicleff, foi excomungado por Alexandre V e depois queimado vivo, por condenação do Concílio de Constança, perante o qual foi convidado a defender-se, não o tendo podido

fazer, porém, por ter sido encarcerado e depois sentenciado pela Igreja, apesar do salvo-conduto que lhe dera o Imperador.

Usou a Igreja Católica para com esse homem rígido, mas sincero, da felonía que tem sido a característica dos seus processos de sempre e inscreveu Huss no martiriologio da sua intolerância.

João Huss é, porém, o herói nacional da Tcheco-Slováquia, mais pelo seu ardente nacionalismo e pelo cuidado que poz em dar forma definitiva ao idioma tcheco do que pelo martírio que sofreu. A república tcheco-slovaca quiz prestar há pouco homenagem a essa figura histórica, promovendo em sua memória comemorações nacionais e a Santa Sé proibiu-lho.

Decerto o governo acataria essa proibição, dada a subordinação em que se encontra perante o Papado, mas tinha já anunciado as comemorações e seria desaire grande impedi-las. Na véspera

do dia em que elas se deveriam realizar, o Núncio Apostólico procurou o Ministro dos Negócios Estrangeiros e impoz-lhe que nem o Presidente da República nem o Governo se associassem às homenagens. O ministro timidamente objectou-lhe que isso seria impossível e, então, o representante do Papa declarou-lhe que se retiraria de Praga, em sinal de protesto, o que fez na manhã seguinte.

Eis o facto narrado, sem comentários, que



Giordano Bruno, submetido ao suplicio das chamas



António José da Silva, o Judeu, poeta e comediografo degolado e queimado pela Inquisição em Lisboa, a 18 de Outubro de 1739.

seriam inúteis e que demonstra cabalmente que o espírito de intolerância da Igreja é o mesmo de há mil anos.

O outro facto passou-se — dissemo-lo já — na «livre» América e revela ainda a intolerância religiosa agravada pela intolerância do Estado.

Em Dayton, pequena cidade do estado de Tennessee (E. U. da América), um professor, Mr. Scopes, ensinava aos seus alunos a hipótese científica da evolução das espécies, segundo as teorias de Darwin.

Logo o Estado, zeloso em manter o obscurantismo do povo, moveu um processo ao audacioso professor, processo que recentemente foi julgado no tribunal local.

Esse julgamento, que deu brado no mundo inteiro, é das coisas mais ridiculamente absurdas de que há memória. O advogado do professor Scopes, Mr. Darrow, que com outros homens de leis da América se ofereceu para defender o «criminoso», demonstrou que as teorias de Darwin nada tinham de subversivas e que, como hipóteses científicas, tinham de ser conhecidas e estudadas, mesmo para serem combatidas. O chefe do grupo de advogados de acusação era esse Bryan que acaba de falecer, antigo Secretario de Estado das Relações Exte-

riores do Governo Federal e por mais duma vez candidato falhado à presidência da República.

E que argumentos opunha esse jurisconsulto famoso, homem de Estado de vasta cultura? Simplesmente os extraídos da Biblia, os primeiros capítulos do Genesis, que falam da criação! Durou dias esse incrível julgamento e para ser completa a farça da Justiça, os jornais e revistas divulgaram por meio da fotografia, diversos aspectos das sessões da audiência. Nêles se viam juizes, acusadores, advogados e público, em mangas de camisa, cachimbos entalados nos dentes, apreciando ou discutindo as origens do homem...

O professor Scopes acabou por ser condenado para desagravo da Biblia e da Lei. Alguns sábios da França lavraram ingenuamente o seu protesto. Os outros homens de ciência do mundo ou encolheram os ombros, indiferentes, ou limitaram-se a rir do cómico das situações.

A reacção, porém, rejubilava. O juri ignorante do tribunal de Dayton tinha dado mais uma machadada no livre-exame.

* * *

Esta intolerância, êstes atentados à liberdade do pensamento são os mesmos de sempre. Em todos os tempos a religião pretendeu o monopólio das consciências e oprimiu a consciência humana. O primeiro *Index* data do século V. Durante toda a Idade-Média os pergaminhos que continham as obras primas da literatura



Galileu, queimado pela Inquisição por afirmar que era a Terra que se movia em volta do Sol e não o Sol em volta da Terra.



Dr. Scopes, o professor condenado na América em julho de 1925 por defender as doutrinas darwinistas.

clássica foram rasgadas, para os monges nêles escreverem antifonas. Antes mesmo de se descobrir a imprensa todos os manuscritos que apareciam sôbre assuntos religiosos ou profanos eram censurados pela Igreja e apesar disso os reis fanáticos, às ordens de Roma, de vez em quando mandavam-nos queimar.

Com o advento da Imprensa, êsse formidável veículo de expansão do pensamento, as perseguições redobram. Francisco I, de França, por edicto de 13 de Fevereiro de 1535 ordena a extinção de todas as imprensas do reino e proíbe a impressão de qualquer espécie de livros. Carlos IX reedita essa proibição em 1563, cominando para os infractores o enforcamento, pena que alterna com a da fogueira. Em virtude dessa disposição legal foram executados em Paris: Santiago Pauvant, doutor da Sorbona; Luis Berguin, conselheiro do rei; Estevam Dolet, publicista; Godofredo Vallée, autor do livro *De la beatitudo des chretiens*; Gil du Carroi e Claudio Morlet, livreiros. Os nomes destas vítimas da intolerância são dignos de figurar na história ao lado dos de Giordano Bruno, o filósofo famoso, que a Inquisição mandou queimar em Roma, por combater as doutrinas escolásticas e aristotélicas; de Galileu Galilei, o físico e matemático célebre, que demonstrou a veracidade do sistema de Coper-

nico e a quem a Inquisição encarcerou aos 70 anos, obrigando-o a retratar-se para evitar a fogueira; e ainda dos portugueses Cavaleiro de Oliveira, o cronista elegante, e António José da Silva, o Judeu, comediografo notavel, ambos perseguidos pela Inquisição, queimado em effigie um, queimado vivo o outro.

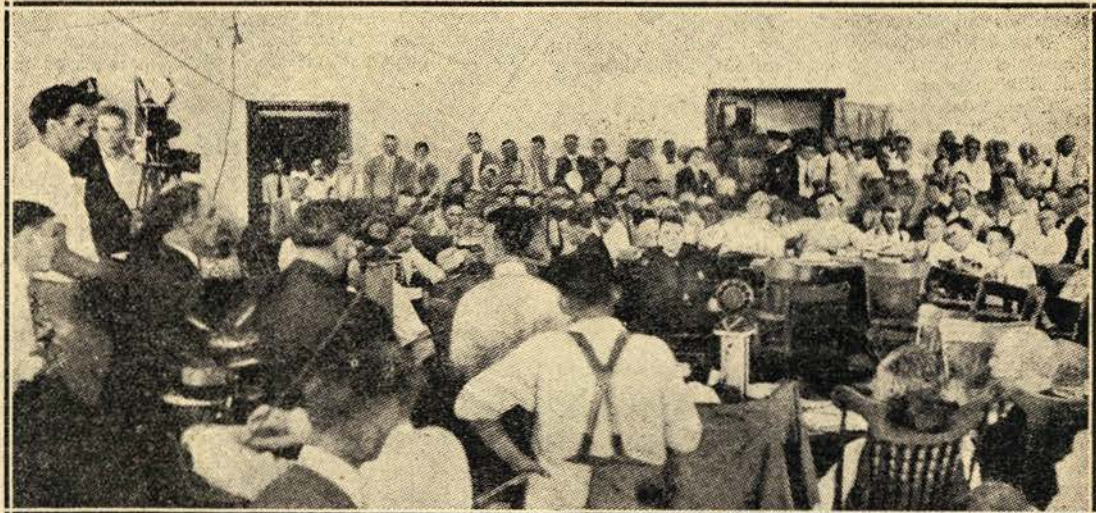
E não eram só os que escreviam que eram cevo da intolerância da Igreja e do Estado. Os mesmos escritos eram queimados na praça pública, para castigo e exemplo. Para não irmos mais longe lembramos que só no século XVIII, o século da Revolução, a *Enciclopédia* foi queimada em Paris em 1732; o *Emilie* em Paris e Genebra em 1762; *A História dos Jesuitas* de Linguet, em Paris, em 1768; *As cartas sôbre o estabelecimento dos europeus na India*, de Raynal, em 1781.

No famoso *Index* são inscritas as obras de Voltaire, Diderot, Racine, Corneille, Pascal, etc., muitas edições das quais os prelados zelosos mandaram lançar à fogueira. Os próprios escritores do mais extremado catolicismo são atingidos: Fleury, Fénelon, Laharpe. Depois da enciclica de 1852, poucas são as obras sciêntíficas ou literárias que escapam ao *Index*.

Os jornais, êsses têm a jugulá-los as mêsas censórias em que o Estado transforma a Policia, como tem sucedido entre nós, por exemplo à «Batalha», sistematicamente censurada sem que esteja estabelecida a censura prévia e só por discordar da reacção politico-capitalista que nos oprime.



Bryand, lender católico, acusador de Scopes, falecido bruscamente após o processo.



A audiência que em Dayto julgou e condenou o professor Scops. Além dum aparelho cinematografico e de um microfone veem-se os advogados, as testemunhas e o público em mangas de camisa, e os jornalistas fazendo a reportagem em maquinas de escrever.

O MUNDO CURIOSO

A luz ultra-violeta

Como é conhecido, os físicos descobriram o sol artificial, denominando a sua luz raios ultra-violeta, e convidando os médicos a experimentar os seus efeitos nos seres humanos.

As sociedades científicas da Alemanha, da América e da Scandinávia, preocuparam-se com o assunto, não havendo nestes países um hospital de menor importância, um dispensário, até as escolas da Alemanha, que não tenha uma instalação para banhos de luz artificial.

Restituir aos enfermos a saúde, por meio de aplicações de luz foi, em todos os tempos, a preocupação dos médicos, tendo as escolas de Galliano e de Hipócrates preconizado a helioterapia.

Desde a Idade-Média até ao século findo procurou-se em vão conhecer, para dissociá-las, as forças úteis do sol. Os variolosos, por exemplo, vestiam-se de fazendas vermelhas, a cor de um dos raios do espectro solar.

Não tinham então os sábios a electricidade; mas desde 1858, desde que funcionaram as primeiras lampadas de arco, Charcot começou a verificar que o «golpe de sol eléctrico», que acometia certos operários, era devido às irradiações químicas da luz.

Quarenta anos depois era curado de reumatismo um operário por ter estado por largo tempo exposto aos raios dos fornos electricos empregados para a construção das fontes luminosas da Exposição Universal.

Hoje são reconhecidos os efeitos eficazes da luz ultra-violeta.

De todos os estudos feitos e dos resultados constatados, conclue-se que a cura feita pelo sol artificial é mais rápida que a de origem natural, visto que só espalha sobre nós as radiações úteis, cuja acção é geral e não local.

Não atravessam tais radiações a pele e parecem só dever o seu efeito a uma influência exercida sobre as terminações nervosas cutâneas ou sobre o sangue que circula nos capilares superficiais.

As radiações ultra-violetas podem produzir sobre a pele o efeito de um golpe de sol e provocar a conjuntivite se os olhos estiverem expostos à sua acção.

Em dermatologia, essas irradiações servem para o tratamento da pelada, do eczema, do acné e de certas tuberculoses cutâneas.

A cirurgia ensaia a sua aplicação para estancar as supurações, e até a arte dentária tem-nas utilizado no tratamento das fluxões complicadas e da pyarrhéa.

Mas é sobretudo na medicina infantil que os raios ultra-violetas triunfam, opostos, como são, ao raquitismo e à debilitação geral.

Doença das cidades, o raquitismo prolifera nas casas escuras. A má alimentação contribue menos para elle do que a falta de luz.

Vinte minutos por dia de exposição às radiações são suficientes às crianças, e podem ser-lhes proporcionados não só nos hospitais, como nas creches e nas escolas.

Como arranhou fortuna

um negociante honrado

Um canadiano, negociante de carvão, ao retirar-se do seu negócio quiz esclarecer os amigos sobre a forma como conseguira a sua fortuna, num total de 50.000 *dollars*, ao cabo de trinta anos de trabalho. Escreve elle:

«Como pude retirar-me dos negócios tendo à minha ordem, num banco, um depósito de 50.000 *dollars*, após haver negociado trinta anos em carvão? Explico-o em duas palavras: toda a minha vida me dediquei ao trabalho, seguindo as mais severas regras de economia. Fui sempre honrado, e nunca gastei um centavo em divertimentos ou quaisquer extravagâncias, passando todas as minhas horas agarrado ao trabalho.»

Como se vê, é um belo exemplo a vida deste homem que, no final da sua exposição, acrescenta ainda este pormenor:

«Outra razão: ao morrer, um tio meu deixou-me 49.999 *dollars*...»

Este negociante devia ser, realmente, honrado.

A fera humana

«O homem é a fera dilatada», escreveu o poeta. Mas enganou-se, cometeu uma grande injustiça, insultou aqueles que não podem defender-se.

Senão, ouçam a narrativa do seguinte facto bastante recente:

Na prisão de Little Konk, no Estado de Arkansas, Norte-América, iam ser executados dois condenados. Um deles sentara-se já na cadeira fatal para ser electrocutado, e o outro aguardava, próximo, a sua vez, quando se reparou na ausência do carrasco. Implicado num contrabando de alcool, fôra prêso e não pudera, por isso, vir desempenhar as suas funções.

Mas era forçoso eliminar os dois homens. Alguem se ofereceu, *amavelmente*, para a tarefa hedionda. E, na falta do carrasco, um amator de «emoções fortes» subiu ao estrado, e, um após o outro, os dois desgraçados foram mortos.

... Entre as feras, gosa o tigre da reputação, cremos que merecida, de ser a mais feroz, a mais cruel e sangüinária; mas só mata para comer ou em defeza própria. Matar por divertimento, por *sport*, só o homem — e entre elle e a fera há um abismo intransponível de crueldade, de covardia e de infâmia...

Cogumelo gigantesco

Próximo de Metz, uns agricultores encontraram um cogumelo verdadeiramente fenomenal, pelas suas agigantadas proporções, pois media nada menos de meio metro de diâmetro, pesando quasi cinco quilos.

Este magnifico exemplar, digno dum museu, se pertencia à família dos cogumelos comíveis, foi um achado precioso, sob o ponto de vista alimentar; mas se — a noticia não o esclarece — era dos venenosos, decerto os patriotas de Metz logo presenteariam com elle os vizinhos tentões, a quem patrioticamente desejam todos os males possíveis...

Amundsen e os alemães

O *Boersenblatt*, órgão dos editores alemães, publicou há dias a carta duma casa editora de Munich, à qual o *Norsk Lufseiladsforening*, de Oslo, havia proposto a publicação da tradução alemã da obra de Amundsen sobre o seu recente vôo ao Polo Norte.

A carta é a resposta negativa a esta proposta. E negativa porquê? Por em agosto de 1914, por ocasião da invasão da Bélgica pelas tropas alemãs, Amundsen haver enviado ao kaiser as condecorações com que, em tempos, Guilherme II o agraciara. Ao mesmo tempo apresentava Amundsen o seu pedido de demissão de todas as sociedades científicas alemãs que o haviam feito seu membro honorário. E eis o que os editores alemães não perdoam, exigindo uma desculpa pública para levantarem a excomunhão lançada sobre o glorioso norueguês. Se elle «pedir perdão» da sua atitude de 1914, publicar-lhe-hão o livro...

Como o «patriotismo» consegue assim tornar ridiculo um grande povo!

SE APRECIAS ESTA REVISTA E
JULGAIS UTIL O SEU LABOR, CON-
CORREI PARA A SUA EXPANSÃO.
SE CADA ASSINANTE DA **RENO-**
VACÃO CONSEGUISSE UM NOVO
ASSINANTE, ESTA REVISTA PO-
DER-SE-IA PUBLICAR COM O DÔ-
BRO DE PAGINAS SEM ALTERA-
□ □ ÇÃO DO PREÇO ATUAL □ □

Renovação

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Exterior

6 meses	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a
côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA